



COMO O JAPÃO EVOLUI

Muito se tem falado, desde que terminou a última guerra, na ocidentalização do Japão. Já na fase anterior ao conflito, o enérgico país demonstrava que muito aprendera nas nações ocidentais, desenvolvendo uma extraordinária indústria e estendendo o seu comércio a todos os pontos do globo. A sua face política e a sua estrutura social permaneciam, no entanto, inalteráveis, a despeito de tôdas as semelhanças com o oeste no campo das atividades pragmáticas.

A derrota, após as explosões atômicas de Hiroshima e Nagasaki, seria paradoxalmente o ponto de partida para um entendimento com os antigos adversários e para um renascimento econômico, tanto mais espantoso quando se leva em conta a circunstância de que se transferiram a outros suzeranos aqueles vastos territórios que compunham o império.

Históricamente, ao lado do incalculável poder de adaptação do homem japonês às novas realidades, seria forçada a menção do nome do Gen Douglas Mac Arthur como fator principal para a transformação por que passou o antigo império nipônico. Fixando-se no arquipélago por um largo período após o conflito, o experimentado general começou a exhibir suas recônditas qualidades de estadista, ao procurar, mediante inteligentes e humanos métodos, iniciar êle próprio a recuperação do país prostrado, com atos que fazem recordar a melhor fase da história de Roma, numa adaptação quase ideal aos tempos modernos. Pela mão de Mac Arthur, o povo japonês pôde sentir melhor como o homem americano era diferente do empedernido imperialista ocidental que o Oriente conhecera. Sob sua orientação, a potência vitoriosa, em vez da vindita, estendeu a mão aos ex-inimigos, que, por sua vez, compreenderam o alcance do gesto.

Daí para as repercussões no modo de vida do povo não se deu senão um curto passo. Surgiu uma geração impregnada de ocidentalismo, sem o abandono, porém, de algumas caras tradições, numa curiosa evolução que o próprio monarca ajudou a estimular.

Foi esta nova paisagem que tornou possível o casamento do príncipe Akihito, membro de uma família cuja origem remonta à origem do tempo, com uma jovem filha de próspero negociante. Por mais que seja do agrado da imprensa dar ao imperial enlace uma justificação romântica, que coloca o príncipe na posição de um enamorado completamente alheio aos deveres tradicionais de um homem na sua condição, a verdade é que o casamento não poderá ser separado na intenção do imperador de firmar, com a sua celebração, as novas normas de vida do povo japonês.

Sendo um fato de relêvo na evolução que se opera no país, parece, pois, mais seguro admitir que o casamento do príncipe Akihito é como que uma indicação, vinda do mais elevado sítio do Japão, de que o seu povo, para sobreviver com dignidade e progredir no mundo atual, deverá colocar-se no limiar do Ocidente e Oriente, conservando o que de melhor existe das respectivas civilizações e repudiando o que nelas há de nocivo.

DETECTA E SEGUE COM RAPIDEZ

As modernas antenas de radar, instaladas em navios, aviões e bases antifoguetes, funcionam de duas maneiras: em primeiro lugar concentram a energia transmitida em estreito feixe que ilumina o alvo, e depois registram a energia refletida pelo alvo. Com 50 metros de pano, adquiridos em uma loja comum, cientistas da "Westinghouse Electric Corporation" de Pittsburgh, EUA, projetaram novo tipo de antena de radar, que aumenta sua eficiência nessas duas funções e que talvez possa servir como modelo para antenas de radar de longo alcance.

Esta antena, a que deram o nome de helisfera, pesquisa o céu em um círculo perfeito, sem que a sua estrutura tenha de mover-se. (Uma antena de radar do tipo convencional gira continuamente para detectar os aviões em vôo).

A helisfera pode ser inflada como um balão, ou, então, ser de construção rígida, tal como um globo plástico. Na sua superfície, ou nela alojados, existem fios de metal condutor. Esses fios envolvem a helisfera em forma espiral ou helicoidal.

O funcionamento da nova antena se baseia no fato de que as ondas de radar podem ser polarizadas, isto é, vibrar em um só plano.

EXPOSIÇÃO DE GEOGRAFIA DO BRASIL NA POLÔNIA

O Instituto de Geografia da Academia de Ciências da Polônia organizou uma exposição cuja finalidade foi demonstrar o desenvolvimento da geografia no Brasil.

O material que constou da mostra foi levado àquele país pela delegação da Polônia junto ao XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado no Rio de Janeiro. Incluía, sobretudo, doações recebidas pela delegação.

A exposição sobre o Brasil reuniu cerca de 100 livros e periódicos, perto de 100 mapas em várias escalas 1:5 000 000, 1:1 000 000, 1:5 000 000, 1:250 000, 1:100 000 e 1:50 000, vários atlas, 50 amostras mineralógicas, 25 amostras de madeira, 100 fotografias sobre arquitetura brasileira e cerca de 30 fotografias aéreas mostrando as paisagens típicas do país.

A parte mais importante da exposição, tanto pela quantidade quanto pela qualidade, foi constituída pelas publicações editadas pelo "Conselho Nacional de Geografia", a saber: *Boletim Geográfico*, *Revista Brasileira de Geografia*, obras da série "Biblioteca Geográfica Brasileira" e de outras.

Foram também exibidas publicações do "Conselho Nacional de Estatística". Merece ser citada a série de folhetos referentes às características geográficas de várias cidades e outrossim as publicações sobre geologia editadas pela Divisão de Geologia e Mineralogia do Ministério da Agricultura, assim como as do "Conselho Nacional do Petróleo" figuraram na exposição.

A biogeografia foi principalmente representada pelas publicações do "Instituto Nacional do Pinho", as quais incluíam indicações sobre as plantas úteis e um anuário sobre florestas.

Devem ser lembradas igualmente as publicações da "Comissão do Vale do São Francisco" que se referem ao progresso econômico no baixo curso do rio e ao maior investimento hidrelétrico da América do Sul: Companhia Hidrelétrica de Paulo Afonso, e as de muitas sociedades científicas brasileiras.

Do Ministério da Marinha foram exibidos numerosas publicações sobre navegação e toda uma série de mapas marítimos e de trabalhos sobre portos brasileiros.

Salientaram-se ainda as publicações editadas pelo Serviço de Meteorologia, Instituto de Imigração e Colonização, Fundação Getúlio Vargas (estudos econômicos e demográficos), Serviço Geográfico do Exército e Instituto Pan-Americano de Geografia e História.

Foram também exibidos vários guias editados pelo "Touring Club do Brasil" e fotografias sobre os aspectos característicos do Brasil, assim como uma excelente coleção de mapas antigos do Brasil dos séculos XVI, XVII e XVIII, contribuição do Ministério das Relações Exteriores.

A exposição incluiu também uma coleção de obras em polonês e as mais interessantes publicações, em línguas estrangeiras, relativas à geografia brasileira.

Visitaram a exposição muitos geógrafos poloneses procedentes de Varsóvia, salientando-se a presença do Sr. Frank Moscoso, ministro do Brasil, na Polônia, e de geógrafos de Leningrado, Praga, etc.

O material brasileiro coletado permitiu criar, no Instituto, um laboratório para estudos sobre países sul-americanos.

CONDIÇÃO DE SOBREVIVÊNCIA

A devastação, ingentíssima na verdade, das matas brasileiras, é tema do qual, diuturnamente, se ocupa, num louvável esforço coletivo, a imprensa do País. É esse um brado de alarme que ressoa nos quatro cantos de nossa terra, como um sinistro preságio bíblico de desencanto.

Infelizmente, porém, o diapasão monótono dessa campanha se restringe a apontar os males que assistimos, sem identificar as suas causas, nem indicar os remédios.

O assalto que praticamos todos os anos em nossas florestas resulta de premente necessidade em que se vê a nossa população se subsistir, por isso que mais de quatro quintos da energia produzida no País é gerada pela lenha e pelo carvão.

Assim, sem o saque das florestas, os brasileiros não poderiam continuar a viver, da mesma maneira que, sem a reconstituição do nosso patrimônio florestal não terão ele a sua condição básica de sobrevivência.

Faz-se, destarte, o reflorestamento problema nacional de magna importância, por isso que a sua solução não está no âmbito silvicultural, senão que requer recursos econômicos de grande monta.

(Editorial do "Brasil Madeireiro" n. 125)